



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IPSi - INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROJETO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO BÁSICO I – 2025.1

- 1) **Título:** O lugar da prática psicanalítica nas instituições de saúde

- 2) **Docente responsável:** Flavia Bonfim (Supervisora)

- 3) **Carga horária:** 136 horas distribuídas em 68 horas de supervisão e grupo de estudo em encontros presenciais (Horário: quartas-feiras das 16:00 às 20:00h); 68 horas destinadas a visitas, acompanhamento e entrevista com profissionais de psicologia orientados pela psicanálise em instituições de saúde pública e/ou privadas (Horário a combinar, dependendo das possibilidades da instituição para visita técnica).

- 4) **Número de Vagas:** 10 alunos

5) Local do Estágio:

As instituições serão abordadas com a proposta de observação e entrevista a profissionais. A participação dos envolvidos será sempre consentida e esclarecida e dentro dos limites estabelecidos pelos participantes.

Indica-se como potenciais campos de observação os dispositivos de saúde da cidade de Niterói: Hospital Universitário Antônio Pedro, Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, III, AD e I; Centros de Convivência - CECO; Ambulatórios de Saúde Mental; emergências psiquiátricas; Unidades de Acolhimento - UA. Em atenção básica, as unidades do Programa Médicos de Família - PMF, Estratégia de Saúde da Família - ESF, Consultório na Rua - CnR. Instituições conveniadas ao SUS também poderão participar, como Associação Fluminense de Reabilitação – AFR, além de Instituições privadas, como Instituto Fluminense de Saúde Mental - IFSM.

6) Resumo do Projeto:

O projeto de estágio supervisionado pretende atuar aproximando os estudantes de graduação com o campo de atuação profissional. O encontro dos graduandos com a realidade social visa ilustrar, materializar e atualizar as questões desafiadoras das práticas contemporâneas no campo da saúde –

como por exemplo, nos hospitais gerais, instituições de saúde mental e centros de reabilitação – para serem elaboradas e discutidas a partir dos conceitos psicanalíticos.

A psicanálise é uma prática e teoria de acolhimento a pessoas em sofrimento psíquico. Apesar de sua independência em relação à Psicologia, a psicanálise influenciou o desenvolvimento de práticas psicoterapêuticas e encontrou na graduação uma forma de transmissão de uma lógica de cuidado específica. Sendo assim, o estágio, sustentado pela supervisão de orientação psicanalítica, pretende auxiliar os futuros profissionais no aprimoramento de uma escuta mais qualificada e no desenvolvimento de uma racionalidade clínica e crítica. Como consequência, o refinamento das discussões permite elaborar novas estratégias de intervenção na realidade com a intenção de potencializar o cuidado e a assistência à população.

7) Objetivos:

O objetivo principal deste projeto é aproximar o estudante de Psicologia às especificidades da prática psicanalítica em contexto institucional, especialmente voltada para os dispositivos de saúde.

Como objetivos específicos, pode-se elencar as contribuições da psicanálise no âmbito das instituições de saúde em consonância com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), com destaque para os seguintes pontos:

A. Garantia de acesso aos dispositivos de saúde mental:

Ao trabalhar com o conceito de demanda do sujeito, a escuta psicanalítica preza em acolher toda forma de pedido e endereçamento feito à instituição pela compreensão de que só é possível traçar um projeto terapêutico singular reconhecendo as particularidades da necessidade dos usuários. Este posicionamento reverbera com um dos princípios fundamentais do SUS de Acessibilidade. Sustenta-se a defesa de políticas públicas que promovam a inclusão social e o respeito à diversidade, reconhecendo que muitos dos problemas psíquicos estão relacionados a situações de exclusão, discriminação e violência.

B. Vínculo terapêutico e transferência:

O fundamento da prática psicanalítica é o conceito de transferência, que significa a forma específica como o paciente se endereça ao analista e como ele o inclui em sua dinâmica psíquica. A partir da psicanálise, entende-se que todos os tratamentos são sustentados pela forma como o paciente constrói a relação com os profissionais responsáveis pelo cuidado. A transferência costuma ser compreendida como vínculo terapêutico ou de confiança e este vínculo ocorre de distintas formas com diferentes profissionais simultaneamente. Na verdade, a transferência também acontece entre profissionais, como forma de transferência de trabalho. Com isso, considera-se que a organização do cuidado na instituição e na rede passa necessariamente como o paciente se endereça e como os profissionais o acolhem. Este conceito se articula com o mandato

social dos profissionais de saúde para a humanização do cuidado. Via-se a valorização do diálogo e da escuta como ferramentas fundamentais para o tratamento das questões psíquicas, reconhecendo a importância da fala na construção da subjetividade e na elaboração dos conflitos internos.

C. Estabelecimento da construção da rede:

A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) se constrói a partir da articulação entre os diferentes dispositivos, que incluem também a Atenção Básica (AB), outros níveis de atenção e saúde, e inclui, ainda, a intersetorialidade, como Assistência Social, Justiça, Educação e outros setores. A perspectiva psicanalítica de dirigir o tratamento, mas não o paciente exerce importante contribuição no modo como a RAPS é construída em cada caso. Deste modo, os profissionais orientados pela escuta psicanalítica sustentam o desejo do sujeito como norteador da organização da rede, de acordo com sua demanda, o que toca no princípio da Integralidade.

D. Emancipação dos usuários e participação social:

A psicanálise não está apartada das questões sociais, haja vista a falta de um nítido limite entre uma psicologia individual e social. Mais ainda, há um compartilhamento de afinidades entre o discurso analítico e a democracia. Não obstante, tal condição requer que cada vez mais que o psicanalista assume o lugar de “analista cidadão”, sensível às formas de segregação e ao que acontece em seu tempo e território. Cabe, portanto, ao analista assumir uma posição de não-exílio, mas, por outro lado, participativa na sociedade no qual se inclui a transmissão a respeito do interesse que pode ter para todos a preservação da singularidade, levando assim a uma possibilidade de articulação entre as normas e as particularidades de cada um. Portanto, o analista cidadão é aquele que toma partido nos debates e que preza por formas de acolhimentos que produzem, por seus efeitos, sujeitos mais autônomos. Nesse sentido, tal posição ética e política mostra-se afinada com os princípios da assistência em saúde do SUS, que favorece a emancipação dos usuários e sua articulação enquanto movimentos sociais para construção de uma rede de apoio e cuidado baseada em princípios democráticos e participativos.

8) Atividades:

- a) Participação em supervisão;
- b) Leitura de textos e debates;
- c) Observação do campo;
- d) Elaboração de entrevistas e/ou diários de campo;
- e) Elaboração de relatório final

9) Formas de avaliação:

- a) Participação ativa nas atividades propostas; considerando assiduidade, comprometimento e comportamento ético na supervisão e nas práticas de campo;
- b) Realização de entrevista com psicóloga/o orientado pela psicanálise e discussão em sala de aula;
- c) Apresentação de relatório final, contendo: descrição da realidade observada e registrada em diário de campo; articulação teórica com os conceitos desenvolvidos em sala de aula de acordo com os textos de referência; e análise crítica.

10) Bibliografia básica:

ALBERTI, Sonia. Psicanálise e Hospital: uma prática rigorosa. **Revista SBPH**, v. 22, Rio de Janeiro, jun. 2019. p. 6-18 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v22nspe/v22nspea02.pdf> Acesso em: 20/03/2023

_____.& ALMEIDA, Consuelo (2005). Relatos sobre o nascimento de uma prática: psicanálise em hospital geral. In: ALTOÉ, Sônia. & LIMA, Márcia Mello. (orgs.). **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. p. 55-71.

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

BELAGA, Guilherme. A psicanálise aplicada ao hospital. In: HARARI, CADERNAS & FRUGER (org.) **Os usos da psicanálise: primeiro encontro americano do Campo Freudiano**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 9 – 18.

BONFIM, Flavia. Psicanálise e Reabilitação Física. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, n. 39, 1-11, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/r9wHcGMDGvqwcXmw7QNMQ5P/?format=pdf&lang=pt>

_____. Hospital, Medicina e o lugar do analista frente ao mal-estar do corpo. In: ALVARENGA, F. (Org.) **Discussões Interdisciplinares em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

_____. Trauma e perda: sobre o encontro com o real no corpo e com o desejo do analista. **Opção Lacaniana online**, n. 21, novembro de 2016. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Trauma_e_perda.pdf

CIACCIA, Antonio. A criança e a instituição. In: LIMA, Márcia & ALTOÉ, Sonia. **Psicanálise, Clínica e Instituição**. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2005.

DAVID, Emiliano. Psicanálise e a Reforma Psiquiátrica Antirracista – Uma demanda não colonialista. In: PERON, Paula & AMBRA, Pedro. **Provocações para a psicanálise no Brasil. Racismo, Políticas Identitárias, Violências e Colonialismo**. São Paulo: Zagodoni Editora, 2021.

DIMENSTEIN, Magda. Os psicólogos nas Unidades Básicas de Saúde: formação e atuação profissional. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, jun. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/GrQdw3hMYJcTRKMMQ6BKRrD/?lang=pt>

FILHO, RAUL. A prática médica, a “hipermodernidade” e o paciente do SUS. In: BATISTA, Glauco; MOURA, Marisa & CARVALHO, Simone. **Psicanálise e Hospital 5**: A responsabilidade da psicanálise diante da ciência médica. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. p. 55-63.

FREUD, Sigmund. Psicanálise e Psiquiatria (1917) In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAMBERT, Anamaria. Prática Lacaniana em instituição. **Latusa**. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n° 3, out./2003. Disponível em: www.latusa.com.br/digital_edit3.htm.

LAURENT, Eric. Analista Cidadão. **Curinga**. n. 31. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, dezembro de 2010. Disponível em: https://ebp.org.br/mg/wp-content/uploads/2020/06/Curinga-edicao_13.pdf

MELLO, Raquel & TEO, Carla. Psicologia entre a atuação e a formação para o Sistema Único de Saúde. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, n. 39, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/mDQy5CYCGcSLfZrrrLcs5km>

RINALDI, Doris. Clínica e política: a direção do tratamento psicanalítico no campo da saúde mental. In: LIMA, Márcia & ALTOÉ, Sonia. **Psicanálise, Clínica e Instituição**. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2005.